

FONTES

ganhar dinheiro) a usaram durante muito tempo. Assim como em outras fontes de Salvador.

Hoje são os lavadores de carros que tiram o sustento da Fonte do Queimado. É uma das mais conservadas, embora esteja cheia de limo e precise de alguns reparos. "Se é patrimônio histórico, deveria a prefeitura cuidar", sentencia Antônio Silva, 30 anos, que diz lavar cerca de 30 carros por semana (mas não revela quanto ganha).

No começo do século XX, Salvador tinha apenas 20% da água de que necessitava para uma população em torno de 200 mil habitantes. O preço da água quadruplicou. Somente em 1906 o engenheiro Teodoro Sampaio planejou e implantou novo sistema de abastecimento de água, que passou a ser responsabilidade da Intendência Municipal (como era chamada a prefeitura). Pela primeira vez na história de Salvador, a água chegou diretamente às casas dos cidadãos, sem intermediários. Cada vez menos gente dependia das fontes. Elas viraram história.

Morar na fonte

No topo da Ladeira da Água Brusca, no Barbalho, a Fonte do Baluarte é a morada do carregador de carga Adailton Francisco, 38 anos. Depois de observar a fonte por mais de 15 dias, ele decidiu promover uma "revitalização" pessoal do local. "Estou aqui há seis anos e só saio se tiver uma casa", diz ele. A água que corre da fonte, num cômodo que mistura banheiro e cozinha, é exclusiva de Adailton. "Se eu não tivesse aqui tinha estrupador (sic) e ladrão escondido; eu tô tomando conta daqui". Na entrada, um cão de guarda protege sua fonte-residência.

A Superintendência de Manutenção e Conservação da Cidade (Sumac), da prefeitura, deveria conservar as fontes de Salvador, depois de tombadas pelo Patrimônio Histórico nacional ou estadual e restauradas pela Fundação Gregório de Mattos. "O restauro das fontes está dentro do nosso cronograma de trabalho e deve acontecer até o final de 2004", afirma Francisco Senna, presidente da FGM. Três fontes têm prioridade: a das Pedreiras, dos Padres e a de Nossa Senhora da Graça (veja acima). Esta última, com projeto pronto, prevê a revitalização do entorno da fonte, com um mercado de flores e outros equipamentos.

Não é a primeira vez que um projeto para restauro das fontes é desenvolvido. Em 1982, quando era governador Antonio Carlos Magalhães, foi feito o estudo Restauração e Reutilização das Fontes e Chafarizes de Salvador (Ipac/Secretaria da Indústria e Comércio). Não saiu do papel.

Em novembro de 1998 a FGM prometeu restaurar esses monumentos. Nada aconteceu. "Uma empresa privada de restauro procurou a Fundação dizendo que havia patrocínio.

Paraguaçu e a Fonte da Graça

A índia Catarina Paraguaçu, filha de um chefe Tupinambá, tinha o hábito de banhar-se nas águas de uma fonte das terras pertencentes ao seu companheiro Diogo Álvares Botelho, o Caramuru. Essas terras teriam sido doadas pelo donatário Francisco Pereira Coutinho, em 1536. Caramuru escolheu o local por conta da facilidade de defesa e proximidade da fonte. Ali ergueu a capela de Nossa Senhora da Graça, que emprestou o nome à fonte de Paraguaçu.

A Fonte Nossa Senhora da Graça está hoje isolada entre o Vale do Canela e o bairro da Graça e teve sua degradação acelerada por conta da construção da Avenida Vale do Canela em 1967. A água está suja e parada. Sua feição atual data de 1913.



O problema é que o patrocínio nunca chegou", explica-se Francisco Senna. Ao que parece, a Sumac só mantém a Fonte do Dique do Tororó, que fica no seu jardim. O subgerente da Sumac, Francisco Valois, diz que as fontes antigas não são conservadas "porque elas estão fechadas". Ele não sabia que muita gente ainda as utiliza.

Água boa

A água que brota no entorno da área onde provavelmente funcionou a Fonte do Pereira ainda é de boa qualidade. Um estudo descobriu que, em dois dos sete pontos estudados na Ladeira da Montanha e Mise-

ricórdia, a água pode ser considerada ótima segundo índices internacionais de qualidade.

A geóloga e doutora em recursos hídricos Suely Mestrinho, professora da Universidade Católica do Salvador e autora do estudo, ressalva que seria importante manter um monitoramento contínuo para avaliar outros indicadores de potabilidade – a qualidade da água própria para consumo humano.

Ela trabalha num projeto de pesquisa para analisar a qualidade da água das fontes de Salvador. Até o final do ano o trabalho deve ser inicia-



COMO SE FORMAM AS FONTES



Fontes: Mário Mendonça de Oliveira, coordenador do Núcleo de Tecnologia da Preservação e Restauração (PhD, UFBA); Suely Schuartz P. Mestrinho, consultora em recursos hídricos (PhD, Ucsal); Lafayette Dantas da Luz, engenheiro ambiental (PhD, UFBA); Francisco Inácio, hidrogeólogo (Mestre USP). **Bibliografia:** Poucamento do Cidades do Salvador (Azevedo, Thales, 1910); A Bahia no século XVIII (Vilhena, Luís dos Santos, 1801); Livro das Águas (Embasa, 2002); Restauração e Reutilização das Fontes e Chafarizes de Salvador (Ipac/Secretaria da Indústria e Comércio, 1982); As fontes da Cidade do Salvador - Histórico e Situação Atual (Bochicchio, Mauricio, 2003/Uneb); Avaliação da qualidade das águas nas proximidades da Fonte do Pereira (Mestrinho, Suely, junho 2003); Prof. Sylvio de Queiroz Mattoso, UFBA, 1980; Sistemas Hidráulicos (Mestrado em Preservação do Patrimônio, Mário Mendonça, UFBA, 2003).

do. Estudos com esse fim são escassos e feitos há mais de uma década. Precisam ser atualizados.

Suely Mestrinho lembra que esgotos domésticos podem ter poluído a água e a pavimentação da cidade pode ter impedido que os mananciais sejam recarregados pelas chuvas. Neste caso, a fonte corre o risco de exaurir-se. Secar, como aconteceu com a Fonte dos Padres.

Algumas coisas devem ser feitas para evitar o desaparecimento das fontes de Salvador. E o papel do poder público é fundamental na recuperação das funções urbanas e sociais desse patrimônio, em colaboração com as comunidades que ainda as utilizam. No mínimo, sugere a pesquisadora, elas poderiam motivar projetos paisagísticos em seu entorno.

A água é um bem cada vez mais escasso, a ponto de o ano de 2003 ter sido declarado o Ano Internacional da Água Doce pela Unesco – o órgão das Nações Unidas que cuida da cultura, educação e ciência. As fontes de Salvador são patrimônio urbanístico valioso. Parece irracional deixá-las abandonadas e desperdiçar a boa água que ainda são capazes de fornecer. Que o digam Mãe Preta e tantos soteropolitanos que ainda dependem delas.



17 FONTE DE ONDINA OU DO CHEGA NEGRO

Av. Octavio Mangabeira (Ondina). Não foram encontradas referências históricas ou de tombamento. Hoje: água de bom aspecto; estrutura descuidada. Uso: beber e tomar banho.



FONTE DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Rua Jupiaçu (Vale do Canela). Caramuru e Paraguaçu fazem parte de sua história. Não é tombada. Feição atual do século XX. Hoje: fachada deteriorada e suja; não há bicas, água poluída. Uso: lavar carros.

ganhar dinheiro) a usaram durante muito tempo. Assim como em outras fontes de Salvador.

Hoje são os lavadores de carros que tiram o sustento da Fonte do Queimado. É uma das mais conservadas, embora esteja cheia de limo e precise de alguns reparos. “Se é patrimônio histórico, deveria a prefeitura cuidar”, sentencia Antônio Silva, 30 anos, que diz lavar cerca de 30 carros por semana (mas não revela quanto ganha).

No começo do século XX, Salvador tinha apenas 20% da água de que necessitava para uma população em torno de 200 mil habitantes. O preço da água quadruplicou. Somente em 1906 o engenheiro Teodoro Sampaio planejou e implantou novo sistema de abastecimento de água, que passou a ser responsabilidade da Intendência Municipal (como era chamada a prefeitura). Pela primeira vez na história de Salvador, a água chegou diretamente às casas dos cidadãos, sem intermediários. Cada vez menos gente dependia das fontes. Elas viraram história.

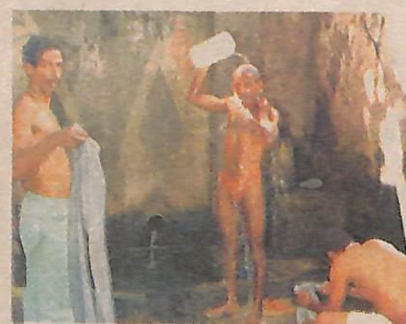
Morar na fonte

No topo da Ladeira da Água Brusca, no Barbalho, a Fonte do Balaarte é a morada do carregador de carga Adailton Francisco, 38 anos. Depois de observar a fonte por mais de 15 dias, ele decidiu promover uma “revitalização” pessoal do local. “Estou aqui há seis anos e só saio se tiver uma casa”, diz ele. A água que corre da fonte, num cômodo que mistura banheiro e cozinha, é exclusiva de Adailton. “Se eu não tivesse aqui tinha *estrupeador* (sic) e ladrão escondido; eu tô tomando conta daqui”. Na entrada, um cão de guarda protege sua fonte-residência.

A Superintendência de Manutenção e Conservação da Cidade (Sumac), da prefeitura, deveria conservar as fontes de Salvador, depois de tombadas pelo Patrimônio Histórico nacional ou estadual e restauradas pela Fundação Gregório de Mattos. “O restauro das fontes está dentro do nosso cronograma de trabalho e deve acontecer até o final de 2004”, afirma Francisco Senna, presidente da FGM. Três fontes têm prioridade: a das Pedreiras, dos Padres e a de Nossa Senhora da Graça (veja acima). Esta última, com projeto pronto, prevê a revitalização do entorno da fonte, com um mercado de flores e outros equipamentos.

Não é a primeira vez que um projeto para restauro das fontes é desenvolvido. Em 1982, quando era governador Antonio Carlos Magalhães, foi feito o estudo Restauração e Reutilização das Fontes e Chafarizes de Salvador (Ipac/ Secretaria da Indústria e Comércio). Não saiu do papel.

Em novembro de 1998, a FGM prometeu restaurar esses monumentos. Nada aconteceu. “Uma empresa privada de restauro procurou a Fundação dizendo que havia patrocínio.



11 FONTE NOVA
Debaixo do Viaduto dos Engenheiros. Sem referências históricas ou de tombamento. Hoje: fachada suja; a água cai em uma boca-de-lobo. Uso: beber, tomar banho, cozinhar, lavar carros e roupas.

Paraguaçu e a Fonte da Graça

A índia Catarina Paraguaçu, filha de um chefe lupinamba, tinha o hábito de banhar-se nas águas de uma fonte das terras pertencentes ao seu companheiro Diogo Álvares Botelho, o Caramuru. Essas terras teriam sido doadas pelo donatário Francisco Pereira Coutinho, em 1536. Caramuru escolheu o local por conta da facilidade de defesa e proximidade da fonte. Ali ergueu a capela de Nossa Senhora da Graça, que emprestou o nome à fonte de Paraguaçu.

A Fonte Nossa Senhora da Graça está hoje isolada entre o Vale do Canela e o bairro da Graça e teve sua degradação acelerada por conta da construção da Avenida Vale do Canela em 1967. A água está suja e parada. Sua feição atual data de 1913.



O problema é que o patrocínio nunca chegou”, explica-se Francisco Senna. Ao que parece, a Sumac só mantém a Fonte do Dique do Tororó, que fica no seu jardim. O subgerente da Sumac, Francisco Valois, diz que as fontes antigas não são conservadas “porque elas estão fechadas”. Ele não sabia que muita gente ainda as utiliza.

Água boa

A água que brota no entorno da área onde provavelmente funcionou a Fonte do Pereira ainda é de boa qualidade. Um estudo descobriu que, em dois dos sete pontos estudados na Ladeira da Montanha e Mise-

ricórdia, a água pode ser considerada ótima segundo índices internacionais de qualidade.

A geóloga e doutora em recursos hídricos Suely Mestrinho, professora da Universidade Católica do Salvador e autora do estudo, ressalva que seria importante manter um monitoramento contínuo para avaliar outros indicadores de potabilidade – a qualidade da água própria para consumo humano.

Ela trabalha num projeto de pesquisa para analisar a qualidade da água das fontes de Salvador. Até o final do ano o trabalho deve ser inicia-

COMO SE FORMAM AS FONTES



Fontes: Mário Mendonça de Oliveira, coordenador do Núcleo de Tecnologia da Preservação e Restauração (PhD, UFBA); Suely Schuartz P. Mestrinho, consultora em recursos hídricos (PhD, Ucsal); Lafayette Dantas da Luz, engenheiro ambiental (PhD, UFBA); Francisco Inácio, hidrogeólogo (Mestre, USP). **Bibliografia:** Povoamento da Cidade do Salvador (Azevedo, Thales, 1949); *Notícia do Brasil* (Sousa, Gabriel Soares, século XVI); *Abastecimento de Água da Cidade da Bahia* (Sampaio, Teodoro 1910); *A Bahia no século XVIII* (Vilhena, Luis dos Santos, 1801); *Livro das Águas* (Embasa, 2002); *Restauração e Reutilização das Fontes e Chafarizes de Salvador* (IPAC/Secretaria da Indústria e Comércio, 1982); *As fontes da Cidade do Salvador - Histórico e Situação Atual* (Bochicchio, Mauricio; 2003/Uneb); *Avaliação da qualidade das águas nas proximidades da Fonte do Pereira* (Mestrinho, Suely; junho 2003); Prof. Sylvio de Queiroz Mattoso, UFBA, 1980; *Sistemas Hidráulicos* (Mestrado em Preservação do Patrimônio, Mário Mendonça, UFBA, 2003).



12 FONTE DO GABRIEL
Rua Augusto França com Travessa Gabriel (Largo 2 de Julho). Uma das fontes mais antigas. Área doada aos beneditinos (1584). Tombada pelo Estado (1984). Hoje: isolada por muro há uns 15 anos. Está cheia de mato e limo.



13 FONTE DO VALE DO TORORÓ
Rua Monsenhor Rubens Mesquita/Lapa. Fonte tipo cacimba (século XIX). Tombada pelo Estado (1984). Hoje: área alagada e suja. Moradores de rua bebem a água e tomam banho.



14 FONTE DO DIQUE DO TORORÓ
Dique do Tororó/Tororó. Construída para abastecer o Asilo dos Expostos (1875). Tombada pelo Estado (1981) e Iphan. Hoje: conservada; água limpa com peixes. Ninguém bebe sua água.



15 FONTE DE SÃO PEDRO
Ladeira da Fonte (Campo Grande). Século XVIII. Foi a melhor fonte de água potável até o século XIX. Tombada pelo Estado (1984). Hoje: abaixo do nível da rua, por isso a sujeira se deposita ali. Moradores tentam preservá-la.



do. Estudos com esse fim são escassos e feitos há mais de uma década. Precisam ser atualizados.

Suely Mestrinho lembra que esgotos domésticos podem ter poluído a água e a pavimentação da cidade pode ter impedido que os mananciais sejam recarregados pelas chuvas. Neste caso, a fonte corre o risco de exaurir-se. Secar, como aconteceu com a Fonte dos Padres.

Algumas coisas devem ser feitas para evitar o desaparecimento das fontes de Salvador. E o papel do poder público é fundamental na recuperação das funções urbanas e sociais desse patrimônio, em colaboração com as comunidades que ainda as utilizam. No mínimo, sugere a pesquisadora, elas poderiam motivar projetos paisagísticos em seu entorno.

A água é um bem cada vez mais escasso, a ponto de o ano de 2003 ter sido declarado o Ano Internacional da Água Doce pela Unesco – o órgão das Nações Unidas que cuida da cultura, educação e ciência. As fontes de Salvador são patrimônio urbanístico valioso. Parece irracional deixá-las abandonadas e desperdiçar a boa água que ainda são capazes de fornecer. Que o digam Mãe Preta e tantos soteropolitanos que ainda dependem delas.



17 FONTE DE ONDINA OU DO CHEGA NEGRO
Av. Octavio Mangabeira (Ondina). Não foram encontradas referências históricas ou de tombamento. Hoje: água de bom aspecto; estrutura descuidada. Uso: beber e tomar banho.



16 FONTE DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA
Rua Jupiasú (Vale do Canela). Caramuru e Paraguaçu fazem parte de sua história. Não é tombada. Feição atual do século XX. Hoje: fachada deteriorada e suja; não há bicas, água poluída. Uso: lavar carros.



1 FONTE DO ESTICA
Rua Coronel Tupy Caldas (Liberdade). Não há referências históricas. Hoje: descaracterizada, mas conservada. Água limpa. Uso para lazer, beber e tomar banho.



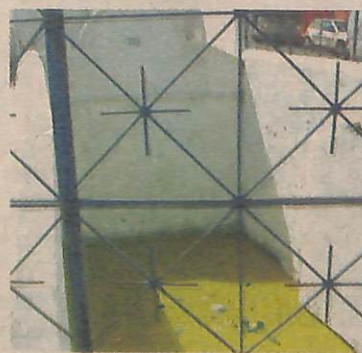
2 FONTE DA MUNGANGA
Av. Jequitaia. Construída em 1704 e reformada em 1800. Funcionou até 1952. Tombada pelo Estado (1981). Hoje: está seca e sua estrutura deteriorada.



3 QUEIMADO
Largo do Queimado (Queimadinho). Construída pelos jesuítas em 1801; tombada pelo Estado em 1984. Hoje: precisa de reparos, mas a água está aparentemente boa. Uso: beber, tomar banho, lavar roupa e carro.



4 FONTE DO BALUARTE
Ladeira da Água Brusca (Barbalho). Sua fachada remete ao século XVIII. Restaurada em 1984. Tombada pelo Estado (1981). Hoje: está mal conservada mas sua água parece boa. Uso: beber, cozinhar e tomar banho.



5 FONTE DE SANTO ANTÔNIO
Rua Monsenhor Tapiranga com a José Militão Lisboa. Citada em 1829 na "Corografia do Império do Brasil". Tombada pelo Estado (1984). Hoje: está pintada, mas a água é verde e cheia de lixo. Gradeada.

Salvador das MIL

REGINA BOCHICCHIO

Mãe Preta é uma mulher negra que conta com quase 80 anos de idade. Desde os 15, quando era Maria Davina, vive entre as ladeiras da Misericórdia e Montanha. Foram 40 anos "vendendo as carne", mas parou com isso há tempo. Enquanto pega água das bicas entre as antigas ladeiras, para "lavá o chão e pra cozinhá" (sic), ela conta que se não fosse o minadouro natural, muita gente que vive por lá passaria mal nos dias em que falta água encanada. "Aquele água dali tem é história, minha filha". Nos idos de 1940, as moças que faziam a vida na Misericórdia pegavam água dessa fonte, que era usada "pra lavá os home depois da relação". O mais provável é que as bicas da região sejam resquícios da Fonte do Pereira, uma das mais antigas de Salvador. "É muito boa essa água, nunca deu doença por *causo dela*", acredita a anciã. Mãe Preta não sabe, porém, que aquela água guarda muito mais história do que ela imagina.

Salvador é a cidade das mil fontes, exagera um estudioso da história local. Ainda que não sejam tantas, as nascentes d'água foram um dos fatores determinantes do local onde o fidalgo Thomé de Souza decidiu fundar uma povoação em 1549. Ele recebeu clara recomendação de El Rei D. João III, de Portugal:

"...espero que esta seja e deve ser em sítio sadio e de bons ares, e que tenha abastança de águas, e porto em que bem possam amarrar os navios (...), porque todas essas qualidades ou as mais delas que puderem ser, cumpre que tenha a dita fortaleza povoação".

Thomé de Souza não pensou duas vezes quando achou o porto ideal, "com uma grande fonte bem à borda d'água" que serviria à aguada dos navios e às necessidades dos habitantes. Além disso, uma enorme falha geológica à beira-mar permitia a construção de uma cidade-fortaleza no topo da escarpa.

Na armada de Thomé de Souza, dizem, vieram 600 soldados e 400 degredados. Um certo Pereira, degredado, requereu do governador a concessão do terreno contíguo à fonte. Ali passou a vender água a navegantes e à população.

A Fonte do Pereira logo se tornou ponto de encontro da gente do mar (ainda não existiam os aterros do bairro do Comércio e o mar chegava à encosta). Foi assim até o início do século XX, quando um paredão de alvenaria e pedra revestiu a encosta e encobriu a fonte. De acordo com a placa incrustada ao pé da ladeira, ela funcionou até 1912 (a placa estava encoberta por musgo mas foi limpa em junho por conta do evento Casa Cor, realizado este ano em dois casarões antigos na subida da Montanha).

O paredão bloqueou a fonte, mas

a água tem de ir para algum lugar. E continua a brotar em pontos das ladeiras, como a bica que Mãe Preta utiliza. Mas as condições são precárias, o local não é limpo. Situação que se repete muitas vezes.

Embora façam parte da história da cidade, as velhas fontes de água estão abandonadas. De acordo com mapeamento recente, existem atualmente em Salvador dez fontes em uso e sete inutilizadas. Dessas, 12 são tombadas como patrimônio histórico, mas apenas uma delas está em perfeito estado.

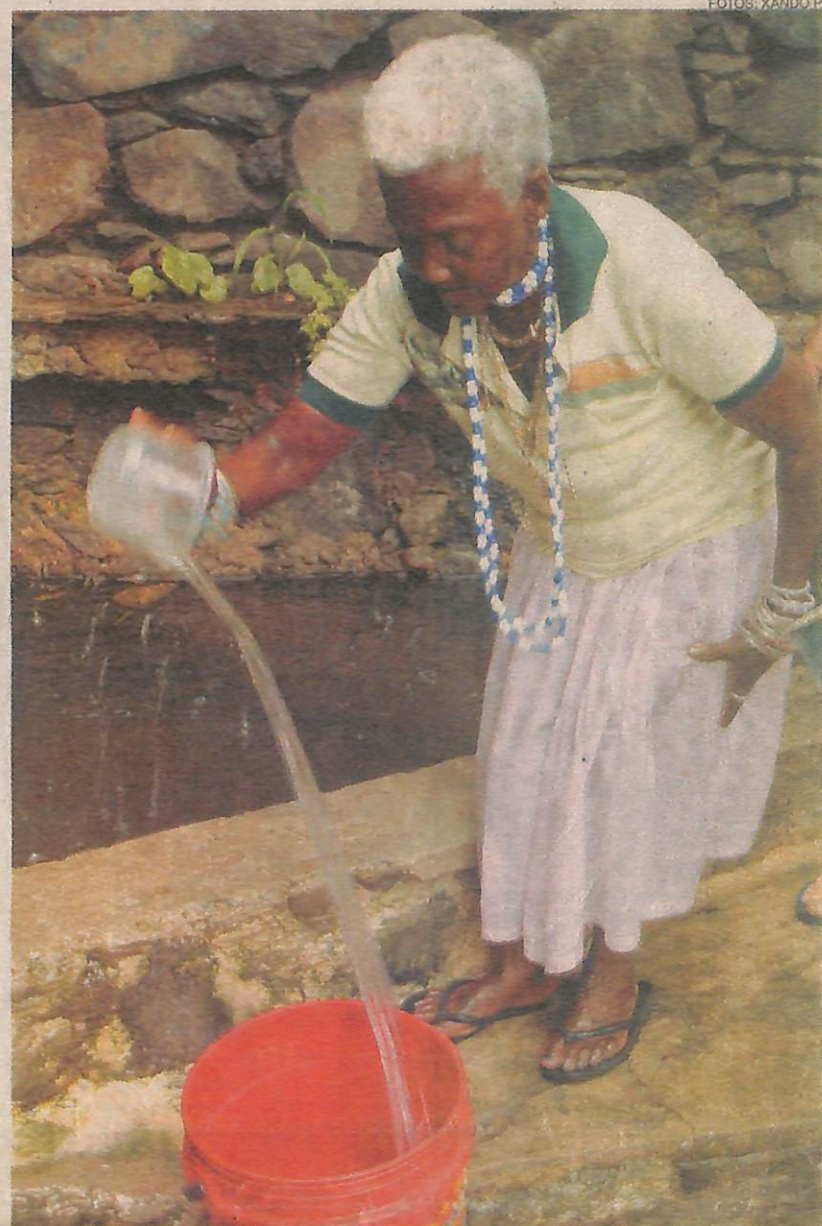
Além dessas, há registros orais ou escritos de 22 outras fontes que não existem mais ou não foram localizadas. Um passeio em busca dos monumentos sobreviventes aguça a curiosidade sobre a vida de Salvador no tempo em que a água das fontes era o que movimentava a cidade.

História seca

No final da Avenida do Contorno, próxima ao Comércio, está a Fonte das Pedreiras. Na frontispício se lê que foi reformada em 1851; é tombada pelo Estado desde 1984, mas está pichada e malcuidada. Antônio Roque, 26 anos de idade, agente de limpeza, usa a fonte há mais de dez anos. Costuma beber da água depois do trabalho.

"Essa água daqui nunca me deu nada, é melhor do que a de casa, vem da natureza", comenta ele. Muita gente costuma beber, tomar banho doce (depois do mar), ou limpar a casa com a água dessa fonte.

A Fonte das Pedreiras é uma das mais antigas da cidade; foi construí-



Mãe Preta cozinha com a "água boa" do paredão da Misericórdia

da em 1585. Ela abastecia os pobres da Ladeira da Preguiça e os ricos da Cidade Alta, que pagavam aos pobres pelo carregamento da água. É um registro vivo do primeiro sistema de abastecimento de água da cidade.

O descaso com esses monumentos é tanto que pelo menos um deles deixou de ser fonte verdadeira. É a Fonte dos Padres, do século XVI - ou Fonte do Taboão, como ficou conhecida por localizar-se sob a ladeira homônima. Embora seja tombada desde 1981, uma obra pública na região, nos anos 90, desviou as correntes subterrâneas que a alimentavam. A fonte secou.

Os jesuítas construíram a Fonte dos Padres para abastecer o Colégio da Ordem, embarcações e a região das Portas do Carmo, nas terras doadas por Thomé de Souza à Companhia de Jesus. Na concepção original, captava água de cinco mananciais diferentes. Os famosos "túneis" da mitologia soteropolitana, usados para fugas nas histórias passadas de avós para netos, nada mais são do que as galerias do sistema de águas e esgotos do período colonial.

Mingua d'água

Salvador, século XVIII. Fonte do Gravatá, na Barroquinha. Escravos e

brancos pobres carregam barris de madeira cheios d'água. São os aguadeiros, homens e mulheres, sobretudo negros, que vendem o produto por conta própria ou o carregam para seus senhores. As fontes públicas são pontos centrais da vida urbana.

Há também fontes particulares. Mas seus donos aproveitam a escassez para aumentar o preço. A cidade necessita de mais água e a Câmara impõe regras para que os mananciais não sejam contaminados. Mesmo assim, muitas já estavam poluídas.

No século seguinte, em 1829, havia cerca de 20 fontes de água em Salvador, entre públicas e privadas. Proviam água "para gasto" - como era chamada a água que não se bebia - e para matar a sede. Salvador atingiu 60 mil habitantes na metade do século, conservando o modelo colonial de abastecimento, insuficiente para acompanhar o crescimento da população.

Em 1852, o Governo da Província criou o primeiro sistema de canalização de águas. Uma empresa, a Companhia do Queimado, captava a água de uma pequena represa e a distribuía por meio de chafarizes e *casas de vendagem*. Mas as velhas fontes faziam concorrência à nova rede e a

Uma delas, na mesma região, era a Fonte do Queimado, famosa por sua água de boa qualidade. Lavadeiras de "roupa de ganho" (roupa lavada para



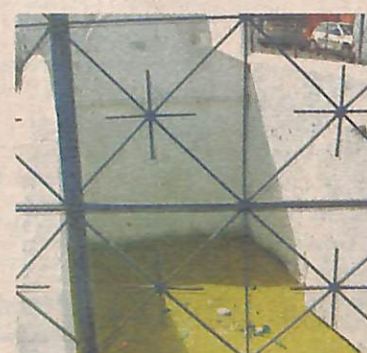
2 FONTE DA MUNGANGA
Av. Jequitiaia. Construída em 1704 e reformada em 1800. Funcionou até 1952. Tombada pelo Estado (1981). Hoje: está seca e sua estrutura deteriorada.



3 QUEIMADO
Largo do Queimado (Queimadinho). Construída pelos jesuítas em 1801; tombada pelo Estado em 1984. Hoje: precisa de reparos, mas a água está aparentemente boa. Uso: beber, tomar banho, lavar roupa e carro.



4 FONTE DO BALUARTE
Ladeira da Água Brusca (Barbalho). Sua fachada remete ao século XVIII. Restaurada em 1984. Tombada pelo Estado (1981). Hoje: está mal conservada mas sua água parece boa. Uso: beber, cozinhar e tomar banho.



5 FONTE DE SANTO ANTÔNIO
Rua Monsenhor Tapiranga com a José Militão Lisboa. Citada em 1829 na "Corografia do Império do Brasil". Tombada pelo Estado (1984). Hoje: está pintada, mas a água é verde e cheia de lixo. Gradeada.



6 FONTE DOS PADRES OU FONTE DO TABOÃO
Rua Conselheiro Lafayete (sob a Ladeira do Taboão). Citada em documentos de 1587; sofreu reformas em 1828, 1870 e 1941. Tombada pelo Estado (1981). Hoje: destruída.

Mãe Preta é uma mulher negra que conta com quase 80 anos de idade. Desde os 15, quando era Maria Davina, vive entre as ladeiras da Misericórdia e Montanha. Foram 40 anos "vendendo as carne", mas parou com isso há tempo. Enquanto pega água das bicas entre as antigas ladeiras, para "lavá o chão e pra cozinhá" (sic), ela conta que se não fosse o minadouro natural, muita gente que vive por lá passaria mal nos dias em que falta água encanada. "Aquele água dali tem é história, minha filha". Nos idos de 1940, as moças que faziam a vida na Misericórdia pegavam água dessa fonte, que era usada "pra lavá os home depois da relação". O mais provável é que as bicas da região sejam resquícios da Fonte do Pereira, uma das mais antigas de Salvador. "É muito boa essa água, nunca deu doença por causa dela", acredita a anciã. Mãe Preta não sabe, porém, que aquela água guarda muito mais história do que ela imagina.

Salvador é a cidade das mil fontes, exagera um estudioso da história local. Ainda que não sejam tantas, as nascentes d'água foram um dos fatores determinantes do local onde o fidalgo Thomé de Souza decidiu fundar uma povoação em 1549. Ele recebeu clara recomendação de El Rei D. João III, de Portugal:

"...espero que esta seja e deve ser em sítio sadio e de bons ares, e que tenha abundância de águas, e porto em que bem possam amarrar os navios (...), porque todas essas qualidades ou as mais delas que puderem ser, cumpre que tenha a dita fortaleza povoação".

Thomé de Souza não pensou duas vezes quando achou o porto ideal, "com uma grande fonte bem à borda d'água" que serviria à aguada dos navios e às necessidades dos habitantes. Além disso, uma enorme falha geológica à beira-mar permitia a construção de uma cidade-fortaleza no topo da escarpa.

Na armada de Thomé de Souza, dizem, vieram 600 soldados e 400 degredados. Um certo Pereira, degredado, requereu do governador a concessão do terreno contíguo à fonte. Ali passou a vender água a navegantes e à população.

A Fonte do Pereira logo se tornou ponto de encontro da gente do mar (ainda não existiam os aterros do bairro do Comércio e o mar chegava à encosta). Foi assim até o início do século XX, quando um paredão de alvenaria e pedra revestiu a encosta e encobriu a fonte. De acordo com a placa incrustada ao pé da ladeira, ela funcionou até 1912 (a placa estava encoberta por musgo mas foi limpa em junho por conta do evento Casa Cor, realizado este ano em dois casarões antigos na subida da Montanha).

O paredão bloqueou a fonte, mas

a água tem de ir para algum lugar. E continua a brotar em pontos das ladeiras, como a bica que Mãe Preta utiliza. Mas as condições são precárias, o local não é limpo. Situação que se repete muitas vezes.

Embora façam parte da história da cidade, as velhas fontes de água estão abandonadas. De acordo com mapeamento recente, existem atualmente em Salvador dez fontes em uso e sete inutilizadas. Dessas, 12 são tombadas como patrimônio histórico, mas apenas uma delas está em perfeito estado.

Além dessas, há registros orais ou escritos de 22 outras fontes que não existem mais ou não foram localizadas. Um passeio em busca dos monumentos sobreviventes aguça a curiosidade sobre a vida de Salvador no tempo em que a água das fontes era o que movimentava a cidade.

História seca

No final da Avenida do Contorno, próxima ao Comércio, está a Fonte das Pedreiras. Na frontispício se lê que foi reformada em 1851; é tombada pelo Estado desde 1984, mas está pichada e malcuidada. Antônio Roque, 26 anos de idade, agente de limpeza, usa a fonte há mais de dez anos. Costuma beber da água depois do trabalho.

"Essa água daqui nunca me deu nada, é melhor do que a de casa, vem da natureza", comenta ele. Muita gente costuma beber, tomar banho doce (depois do mar), ou limpar a casa com a água dessa fonte.

A Fonte das Pedreiras é uma das mais antigas da cidade; foi construí-



Mãe Preta cozinha com a "água boa" do paredão da Misericórdia

da em 1585. Ela abastecia os pobres da Ladeira da Preguiça e os ricos da Cidade Alta, que pagavam aos pobres pelo carregamento da água. É um registro vivo do primeiro sistema de abastecimento de água da cidade.

O descaso com esses monumentos é tanto que pelo menos um deles deixou de ser fonte verdadeira. É a Fonte dos Padres, do século XVI - ou Fonte do Taboão, como ficou conhecida por localizar-se sob a ladeira homônima. Embora seja tombada desde 1981, uma obra pública na região, nos anos 90, desviou as correntes subterrâneas que a alimentavam. A fonte secou.

Os jesuítas construíram a Fonte dos Padres para abastecer o Colégio da Ordem, embarcações e a região das Portas do Carmo, nas terras doadas por Thomé de Souza à Companhia de Jesus. Na concepção original, captava água de cinco mananciais diferentes. Os famosos "túneis" da mitologia soteropolitana, usados para fugas nas histórias passadas de avós para netos, nada mais são do que as galerias do sistema de águas e esgotos do período colonial.

Míngua d'água

Salvador, século XVIII. Fonte do Gravatá, na Barroquinha. Escravos e

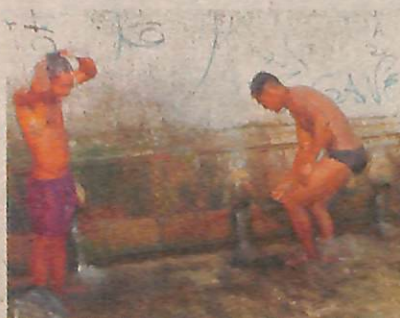
brancos pobres carregam barris de madeira cheios d'água. São os aguadeiros, homens e mulheres, sobretudo negros, que vendem o produto por conta própria ou o carregam para seus senhores. As fontes públicas são pontos centrais da vida urbana.

Há também fontes particulares. Mas seus donos aproveitam a escassez para aumentar o preço. A cidade necessita de mais água e a Câmara impõe regras para que os mananciais não sejam contaminados. Mesmo assim, muitas já estavam poluídas.

No século seguinte, em 1829, havia cerca de 20 fontes de água em Salvador, entre públicas e privadas. Proviam água "para gasto" - como era chamada a água que não se bebia - e para matar a sede. Salvador atingiu 60 mil habitantes na metade do século, conservando o modelo colonial de abastecimento, insuficiente para acompanhar o crescimento da população.

Em 1852, o Governo da Província criou o primeiro sistema de canalização de águas. Uma empresa, a Companhia do Queimado, captava a água de uma pequena represa e a distribua por meio de chafarizes e casas de vendagem. Mas as velhas fontes faziam concorrência à nova rede e a complementavam.

Uma delas, na mesma região, era a Fonte do Queimado, famosa por sua água de boa qualidade. Lavadeiras de "roupa de ganho" (roupa lavada para



7 FONTE DAS PEDREIRAS
Av. Contorno/Preguiça. Data do século XVI; reformada no século XIX. Tombada pelo Estado (1984). Hoje: fachada pichada e com limo; bacia suja e bicas inutilizadas. Uso: beber, lavar roupa e tomar banho.



8 FONTE DA RUA VISCONDE DE MAUÁ
Atrás do Museu de Arte Sacra. Não foram encontradas referências históricas. Fornecia água aos moradores da Preguiça e Rocinha do Marinheiro. Hoje: abandonada, sem água e virou banheiro.



9 FONTE DO GRAVATÁ
Rua do Gravatá com Independência (Barroquinha). Fachada do século XVIII. Em 1801, era a mais freqüentada da cidade. Tombada pelo Estado (1984). Hoje: destruída. Sai água de duas bicas, mas o portão de acesso está trancado.



10 FONTE DAS PEDRAS
Ladeira da Fonte das Pedras. Citada em registros históricos em 1801 e 1829. Tombada pelo Estado (1984). Hoje: estrutura original modificada; não há bicas. Água parada. Uso: lavar carros.